

CAPÍTULO 1

O LIMITE ENTRE O CÉU E O INFERNO

Foi assim que ele a viu pela primeira vez: a mesma rua, o mesmo bairro, o mesmo local. Uma coincidência? Talvez... foi no desabrochar de sua juventude e, certamente, dos desejos mais profundos que eclodiam em profusão, dentro de si, dentro de seu corpo, das mudanças e de todo o turbilhão de coisas que fazem com que os jovens vivam seus instintos tão intensamente; não parava de pensar nela...

Talvez não fosse tão bonito, senão atraente. Tinha um corpo, verdadeiro labirinto. Os músculos que se formavam faziam enlouquecer as donzelas e talvez as não tão donzelas assim! Era como o Peri, o Hércules, Teseu. Era todo amor, mas não o ágape: o eros - ou talvez um Apolo, divindade masculina num rosto de homem que escondia a pouca idade mas uma enorme vontade.

E ela? Quem era? Uma musa, uma graça, uma ninfa? Não mais ninfeta, pois os olhos de inocência pareciam ter-se consumido nas curvas de Satã, daquelas que morderam a maçã rubra como o pecado, o desejo, o carmim... Curvas... tinha-as várias; estradas perigosas, que, parecia, alguns rapazes já haviam perdido-se, apesar de, ela também, conter o frescor de uma juventude

que se expressava em seu rosto de jovem que havia acabado de deixar de ser menina há pouco.

E, desde o primeiro instante, desejou-a, claro. Quis ser mais um daqueles que se aventuraram nas estradas de seu corpo, beijar [ou seria morder?] a maçã-carmim dos lábios, de tantos lábios, que eram apenas aquele, o duma menina que já era mulher – ou duma mulher que não era menina? - mas era musa e, por que não, encarnação pura do desejo?

Um dia, ele passou na rua, exibindo-se, como de costume, para fazer suspirar o desejo de todas as mulheres da vizinhança, das casadoiras e de até algumas já casadas... Seu olhar era daquela superioridade ridícula dos jovens de sua idade, que acham que podem tudo no mundo, só porque seu corpo e seu rosto são atraentes. Mas, para ele, era mais que isso. Sabia que ele poderia seduzir alguém e queria, desta forma, jogar e apenas isso.

Encontrou-a desta maneira: primeiro, o caminhão de mudanças. Depois, o movimento para dentro da casa, fechada há tanto tempo. E então, os olhos. Sim, os olhos, foi a primeira coisa que viu nela, logo quando desceu do carro em que estava. Eram azuis, da cor do céu. Davam-lhe uma estranha paz, algo que não conseguia compreender. Sempre procurou outros olhos,

aqueles que ardessem em fogo, para a fagulha de sua chama. Mas aqueles... eram tão estranhos... Tão serenos...

Parou fitando aqueles olhos. Passou uma das mãos no largo peito. Parecia querer prender o coração, que batia bastante rápido.

Ela percebeu o admirador que a contemplava e olhou-o de cima para baixo. E, num relance, observou a masculinidade dos traços, a força. Um sorriso maroto encheu seus lábios, enquanto seus olhos tomaram-se de um brilho tenro. “Quem será este?”, pensou? Um vizinho, um anjo... um demônio. Um demônio tão jovem, de torso nu, pele branca como seda e traços exóticos dos mares do Mediterrâneo...

Olhavam-se, sim. Como olhos de anjo faziam parte daquele rosto de demônio, daquele sorriso ávido por qualquer coisa? Os cabelos da cor do ouro reluziam o sol do verão e pareciam o fogo do Hades. Céu e inferno! - Para onde iria, caso provasse o fruto daquele pecado?

Uma voz chamou-a para dentro da casa e ela, assim, teve de entrar. Olhou-o de novo e, desta vez, não sorriu. Passou a ponta da língua em seus lábios rubros, como se tivesse acabado de provar algo e foi-se dali. E ele também não riu... Ainda com a mão no peito, fechou os olhos e sonhou. Sonhou com a mulher de olhos de anjo e sorriso de demônio.

Desde então, não a tirou de sua cabeça. O desejo que tinha por todas as mulheres, a vontade de provocá-las todas... agora, de súbito, pareceu querer apenas um único alguém. Desejou-a e, depois daquele dia, depois que a viu pela primeira vez, inflou ainda mais o peito, como se quisesse mostrar-se só para ela.

Mas ela fazia que não via...

Oras, tantos e tantos corpos, outros rapazes... por que seria diferente? O que a fez sentir-se atraída por ele?

Foram muitos, realmente, ou talvez, não muitos, mas bastantes para sua juventude. Despertou-se para os sentidos há pouco tempo, pois sim, no final de sua meninice e no início de sua plenitude como mulher que estava se tornando. Desde então, buscou a completude, mas nunca teve a satisfação de conseguir completar-se. Por isso, sentia-se inacabada. E por isso, tinha medo de que ele fosse apenas mais um.

Pois, ainda que também tomada pelos sentidos e pela sede do jogo, incipiente na tenra idade, novidade em tão pouco tempo, latência louca, talvez, conservava, em si, o sentimento doce daquele que fosse fazê-la sentir, ainda que um pouco, voltar à inocência, à meninice, levá-la até os sonhos.

Mas aquele minuto, aquele simples minuto [oras, o que é um simples minuto?]. Os olhos, tão diferentes, foram lânguidos a

ela... O rosto não pareceu de um homem, mas de um garoto. Um garoto em corpo de homem. Repentinamente, um sentimento materno trespassou-lhe o coração. Seria coisa de mãe? Não, óbvio! Na verdade, toda mulher é uma mãe. E mesmo as que amam seus maridos, fazem-no porque sentem algo de maternal por eles, porque querem cuidar deles e porque só têm olhos para eles. Por isso é que as mulheres são seres superiores. Porque concebem e cuidam. E por isso, sentiu aquilo por ele...

Arriscava o olho para ele, era verdade. E, quando ele passava na rua com seu olhar superior, tentando dominá-la, sabia que, na verdade, era ele quem estava dominado. Mas, queria mais que arriscar os olhos. Esperava o momento certo. Sabia que são as mulheres que iniciam tudo, que dão o bote, como as serpentes [talvez a serpente do paraíso fosse fêmea, aliás, talvez o demônio fosse uma mulher]. Era tudo apenas uma questão de tempo...

E ele não iria desistir! Só e em vencer aquele jogo tolo dos adolescentes, para conseguir o prêmio: a musa, que era anjo e demônio, acalento e perigo. Estava apaixonando-se? - Que sentimento estranho é a paixão! É ela que é cega e não o amor. O amor tem defeitos, o amor tem limites, mas a paixão os extrapola! Ela vai para além do gozo, além da carne... É um sentimento

incompleto, pois mescla o amor e o desejo, tornando-se um limite. O limite entre o céu e o inferno.

Para ele, ela era mais do que feita de carne: era uma divindade. Tinha o corpo em que queria mergulhar, as curvas e os desfiladeiros através dos quais precipitar-se-ia no final do ato. Mas a aura falava mais alto, era nuvem branca e estava no céu. De lá, enxergava-a, dentro de sua pequenez. Vezes pensava que jamais conseguiria provar daquela paixão e viveria fadado a rastejar como um animal torpe e imundo.

Ela não, ela era diferente! Ela era o anjo. O anjo que deixava de ser tão anjo, em suas mais profundas fantasias, quando lhe despia e mergulhava sua face na pele alva. E ele era um servo, um escravo, um protetor [para quê, se era ele quem precisava de proteção?].

Mesmo assim, andava pela rua, com seu tolo olhar de superioridade e a dúvida de que algum dia iria passear por além do limite entre o céu e o inferno.

Mas foi vestindo o corpo e despindo-se de tal olhar, que conseguiu galgar aquela fronteira...

Pois não poderia viver apenas de suas fantasias - mas bem que gostaria. Tinha que conhecer... tinha que conhecer para depois sonhar - e esta era sua grande angústia: por que não viver só de desejar e deixar-se

levar? Mas tinha que aprender, pois, apesar de tudo, era humano, e o homem é esse estranho animal, que vive por entre a angústia de ser e de conhecer.

Então, arrumou-se. Era manhã ainda, e a atmosfera úmida penetrava em seu quarto. Olhou-se no espelho, vestiu-se e partiu para a cela, a sala, na prisão do colégio de todas as suas manhãs. Ali, deveria conter-se e a sua vontade. O calor da jovialidade deveria ser sufocado pelas lições e cálculos de uma vida racional, exato oposto diametral daquilo que sonhava para si e que, como jovem, seria perpétuo: viver de desejar.

Pela rua afora, não podia exhibir-se, pois aquela cela o fazia vestir-se e olhar para baixo, cabisbaixo, fuçando o caminho de todas as manhãs. Cabisbaixo por causa do caminho de todas as manhãs. Cabisbaixo como os prisioneiros que caminham para a sua cela. Talvez fosse o sol matinal - não, era fresco demais, lânguido. Preferia o sol da tarde. Este sim, era forte, imperativo e dava-lhe forças para olhar para cima, para o alto, como sempre fazia.

Chegou, então, no presídio, na grande cela e viu, como ele, prisioneiros e cúmplices do mesmo fardo. Olhava-os, todos iguais, em seus uniformes. Pareciam ser todos repetições da mesma pessoa, uma pessoa ideal para os padrões que alguém

pensou em estabelecer; pareciam todos ali criaturas sem vida, sem personalidade; como ele, dentro daquela farda, pesado, enclausurado ou apenas mais um...

Achegou-se, então, até onde estavam os iguais que conhecia. Ao menos, de perto, todos pareciam ser diferentes. Alguns tinham nome até. E até voz...

Foi então que a viu, ela, o anjo travestido de demônio. E sequer acreditou. Ela estava ali, presente aos seus. Ela estava aprisionada, também. Mas vestida com suas roupas de anjo. E, por um segundo, ele sentiu ódio. Ódio porque eles a aprisionaram e logo fariam com que ela usasse um uniforme, tornando-a igual a todos os demais ali, na audácia de despi-la de seu manto angelical.

Parou e olhou-a, fixamente, de novo, como na rua. Um dos seus disse, com sua voz, que era uma aluna nova, uma pessoa recém-chegada. Ele não retrucou. Já sabia. No seu íntimo, já a conhecia. Na verdade, parecia conhecê-la há muito...

Ela olhou-o, com os olhos de céu. E sorriu com a boca vermelha de cor do pecado. Parecia ser um chamado, o toque duma sirena...

Subiram, então. Todos em seu coro de vozes, mas os dois, emudecidos. Eram todos olhares, ele com seu olho de terra e ela com seu olho celeste.

E, dentre as quatro paredes da sala, três, duas, uma, tornaram-se nenhuma e, pela primeira vez, ele sentiu-se livre, ainda que estivesse dentro de sua prisão.

Os olhos, eram todos olhos... Olhos de firmamento, olhos de chão, de desejo, de querer seduzir. Por que todas as mulheres começam provocando com o olhar? E o que elas falam através de seus olhos?

Seus olhares, ao mesmo tempo que estavam mergulhados em inocência e azul, estavam, também, em carícias tão intensas... Imaginava, o rapaz, suas mãos grosseiras de homem na pele macia de uma mulher... temia até machucá-la, com suas carícias másculas [como se a estivesse acariciando!]. E deleitava-se, fantasiando, enquanto perdia-se naquele olhar de longo, como um mar.

E sequer conseguiu ouvir as vozes dos mestres, naquele dia, pois mergulhou fundo para depois voar, tal um Ícaro que não usava asas de cera.

Mas sabia que não se contentariam apenas com os olhares...

Com o tempo e a convivência, foram-se achegando um até o outro. No início, tímidos, desconfiados, como tem mesmo de ser. Depois, resignados, como dois amigos de infância, dois camaradas, mantendo-se as distâncias. Palavras simples, curtas, cumprimentos, cumprimentos... A distância

que os separava ainda parecia grande, apesar dos olhares que se encurtavam a cada instante, a cada instinto.

Mais alguns dias e conversas, flertes... a arte boba da sedução, uma *hors d'oeuvre*. E uma amizade de fantasia, que escondia o desejo de duas pessoas loucas para dar, uma para outra, apenas uma fagulha, da chama que os consumia, silenciosamente.

Ele levantava os olhos, insuflava o peito, querendo mostrar força, masculinidade. Ela balançava os cabelos da cor do sol, de raios quentes, quentes como o inferno. Os lábios de cada um falavam frivolidades, mas a vontade era latente. Ele queria abraçá-la, tê-la. Mas se consumiam em segredo, apenas por causa deste jogo imbecil que homens e mulheres fazem, antes de deixarem se levar.

Foi um trabalho, oras, apenas um trabalho que um de seus mestres passou e que, como ele poderia imaginar, fez com que ela mesma viesse para perto dele, pedindo uma dupla, uma parceria, naquilo que seria um simulacro, um prelúdio para o fim daquele vai-e-vem tão cansativo, que já se aproximava do seu limite.

Ele aceitou, mas hesitou antes de dar a resposta afirmativa. Vergonha? De quê? Já fez aquilo tantas vezes, já participou de tantos jogos! Mas sabia que aquilo não era

um jogo. Aquilo era algo de mais; era como se jogasse com uma divindade, metade mulher, mas metade divina, com sua face de anjo mas com seu quê de demônio. De rubros lábios que se contrastavam com os olhos de azul, céu e inferno no mesmo lugar.

Marcaram um dia para se encontrar, apenas como parceiros de um trabalho qualquer. Seria na casa dela, à tarde. Ele concordou com tudo, de pronto, pois ela era quem falava, era ela quem mandava. A ele, só restava obedecer, na sua qualidade de escravo, vil e inferior, que se curvava àquela majestade, aceitando tudo, simplesmente.

Foi-se como o combinado, então. Cobriu-se com uma camisa, comportado – não iria desfilar seminu como de costume. Oras, o que aquela mulher estava fazendo com ele? Tinha trancado a porta e jogado a única chave que ele tinha fora, deixando-o desprovido de sua maior arma? Porque sabia que, vestido, ele sentia-se nu.

Pegou os livros, os cadernos. Grilhões e galés da sua prisão matinal, à qual se submetia. Eram as correntes de um saber que não queria, pois, para o que realmente queria, não havia teoria. Mas tinha de levá-las, ainda que como um pesado fardo.

Por que se submetia àquilo? Por que, pela primeira vez, deixou uma mulher, uma mulher como tantas que possuiu com seu olhar de superioridade e sua força, desnudá-

lo daquela forma? O que estava acontecendo com ele? Seria a paixão? Seria o amor?

Com certeza, não o amor. Não este torpe sentimento de consignação, de resignação. Amar, para ele, era concordar com tudo, era nunca ter opinião própria e deixar-se levar pelas vagas do tempo, que criam chagas profundas e paralisam aqueles que um dia caminharam ao sabor das paixões. E ele era assim; um andarilho que se deslocava sem um rumo certo. Não amava, pois não queria descer tão baixo e resignar-se. Era carne, era o toque, o ato, o gozo físico. E não o amor.

Mas, então, por que aceitar as ordens dela, por que se deixar levar por ela? Seria ela mais uma vaga de paixão, um turbilhão de sentidos? Não. Ela era mais! Era aura, era alma. Queria possuí-la, de fato, mas mais que isso. Queria provar do céu dos olhos dela, mas, ao mesmo tempo, do inferno de seus lábios. Queria estar, assim, neste limite entre céu e inferno, e viajar mais que Dante, sem a companhia de Virgílio, mas com seus mais puros sentidos.

Vagava pela rua, a mesma que servia de caminho para um jovem, de olhar altivo e corpo másculo ao vento, mas que, agora, conduzia um adolescente de olhar ao chão, como o bicho que rasteja pela lama, que rasteja pela terra, que rasteja somente, antítese daquele que passava garboso por

suas conquistas e trazendo no peito a lembrança de cada qual, despertando suspiros. Mas agora, quem suspirava era ele... E a distância, outrora tão curta entre sua casa e a dela, parecia ter ficado imensa, e os livros, a cada passo, pesavam mais...

Chegou à casa dela, chegou àquele Olimpo. Delta entre coração e vontade. Templo profano, isso sim! Quantas pessoas já pisaram aquele solo? Quem foi aquele que o profanou primeiro? Ele, com certeza, não o foi e sequer seria o último. Mas talvez tivesse sua estátua esculpida no mais frio mármore, em algum lugar dali.

Tocou a campainha; foi ela mesma quem atendeu.

Sentiu-se, naquele momento, muito próximo ao limite entre o céu e o inferno, pois já não sabia mais distinguir qual divindade, se angelical ou não, que era a senhora daquele templo de pecado... Aquele templo feito de curvas, de corpo de mulher, com suas formas redondas, leves, lânguidas, de demônio na pele de anjo, lobo na pele do cordeiro.

Ela cumprimentou-o, sorrindo um sorriso leve. Um sorriso de inocência, de vítima, como se ela fosse ser a vítima dele. Mas ele sabia que era o contrário. Ele fora vitimado desde a primeira vez que a viu, seus olhos de céu, seu cabelo de raios de sol,

seu sorriso de malícia que então, havia dissimulado por um sorriso de inocência.

Malícia revestida de inocência, bem como são todas as mulheres...

Ele perguntou como ela estava, comentou como a tarde estava bela, essas conversas lúdicas que não chegam a lugar algum e que não servem para nada, a não ser para distanciar as pessoas e esconder seus reais sentimentos umas para com as outras. Ela, por sua vez, respondeu a todas as perguntas, usando o manto da cordialidade que escondia seus desejos, fazendo-o entrar e selando, atrás de si, os portais por onde ele.

Livros em cima da mesa. Teorias e mais teorias - onde estava a prática? Na verdade, a teoria não se completava na prática para ele. Os conhecimentos estampados naqueles livros não lhe interessavam; queria um outro conhecer...

A cada parágrafo, a cada texto, ele olhava-a e inebriava-se com o tom agudo da voz dela, voz de mulher, não se importando quando ela apenas lia ou reprimia-o cada vez que ele se dispersava, viajando naquele mundo que estava ao seu lado.

Ela parecia não perceber o interesse dele - mas percebia, é claro. Voltava suas atenções ao texto, como se quisesse realmente fazer o trabalho, mas, na verdade, queria mesmo era ter a companhia dele, tê-lo

perto, talvez mais perto do que o fosse só para dois “amigos” que apenas faziam uma tarefa.

Em trancos, completavam cada obstáculo. Não que ele não tivesse aptidão para fazer aquele dever, mas seus devaneios dispersavam-no sobremaneira, deixando-a por vezes irritada; Ela, por seu turno, parecia interessada em terminar logo, terminar o jogo, porque sabia o que viria depois, se consentisse que ele desse um passo a mais até a sua fronteira, beirando a porta de seu altar.

Súbito, ele se entristeceu: acabado o trabalho, acabaria a chance de estar ao lado dela. Por um momento, achou não ser digno de penetrar ali, de ultrapassar as portas daquele templo. Era como se ela fosse a diva, a musa, a deusa intocada que estava tão alta, que ninguém, tampouco ele, pudesse alcançar.

Ela notou-lhe o semblante triste. E, com seus olhos de céu, olhou os olhos de terra dele. E penetrou o olhar nas pupilas, na íris terrosa, a fim de tentar ler-lhe os pensamentos. O que estava se passando? Por que o olhar tão baixo, e não a altivez de sempre? O que aconteceu com aquele jovem, de tantos desejos?

Perguntou-lhe, então, o porquê da súbita tristeza. Ele, por sua vez, nada respondeu, preferindo resignar-se com uma

derrota, a primeira derrota de sua vida. E achou não ter mais força, achou que não conseguiria mais; Olhava para ela - como queria tê-la! Tê-la tão profundamente, como em suas fantasias de adolescente; mas pensou, precipitadamente como os jovens, que não conseguiria; porque a chave da porta de entrada daquele templo não estava com ele.

A chave estava com ela...

Foi então que a musa resolveu descerrar, devagar, as portas daquele templo alvo, para espanto dele. Porque ela sempre quis fazê-lo, é claro... e, sempre superior tal deusa que era, resolveu terminar com o jogo, naquele instante mesmo. Pois, no fundo, sabia o que queriam e, portanto, para quê representar?

Despiu-se, quer dizer, começou a despir-se de sua máscara, fazendo com que a fantasia se tornasse realidade, para o rapaz. Era uma magia que inebriava: despiu-se como se de um manto, fez isto numa forma tão tenra, tão suave, que sequer parecia tomada dos desejos que eclodiam, dentro de si, dentro de ambos.

E ele percebeu que, por intermédio dela, iria penetrar no limite entre o céu e o inferno...

Ardia como numa chama, profana, mas só para ele! Pois ela não pecava, consentia. Era divina demais para isso. E,

sendo assim, não poderia compartilhar da honra de adentrar aquele limite onde estava e como estava. Precisava ficar como ela, para que, juntos, se tornassem uma espécie de farol, ou qualquer coisa que emitisse um fecho de luz, para que explorassem as suas próprias fronteiras.

Aproximaram-se os rostos então e, de olhos fechados, como que se já soubessem o caminho, como que se quisessem guiar por uma luz, mas que viesse de dentro de si, deram-se os lábios, num ósculo ténue, inocente, como se fosse o primeiro beijo, como se estivessem compartilhando das delícias de um paraíso.

O último obstáculo tinha sido galgado e, doravante, iriam dar-se, estranhamente imaculados. Achevou-se ao jovem, como se quisesse despojar-se, agora, de sua divindade. Era como se precisasse dele, precisasse de proteção. Precisasse de complemento.

Ele nada fez, fingindo-se de estátua. Era ela quem dava as ordens, ela quem comandava aquele ritual. E foi ela quem tocou-lhe uma das mãos, passando-a em seu rosto suave, num carinho doce, delicado. O jovem suspirou. Sentiu o coração disparar, mais rápido que o de costume. Parecia querer pular para fora de seu corpo, parecia querer juntar-se ao dela. Ele todo,

inexplicavelmente, parecia querer juntar-se a ela.

Então, subitamente, ficaram assim, como que se quisessem se descobrir, como no início, como duas crianças. Queriam se aproximar, queriam dar-se, um para o outro, como se nada mais houvesse, intensos como os jovens, avassaladores. Ela, o anjo, a deusa e ele, seu servo, tomando-a nos braços, protegendo-a, sob seu manto, sob seu escudo, como numa espécie de conto de fadas, protagonizado apenas pelos dois.

A musa deu-lhe, então, total ingresso para o seu templo, naquele exato momento em que se buscavam. E foi então que o rapaz ultrapassou aquele estranho limite quando, abraçado à alvura daquela pele, tocou-lhe os lábios, ao revés, como que penetrando no sorriso malicioso dela, enquanto, juntos, provavam um do outro...

Daquele dia em diante, deram-se por inteiro várias vezes, como numa doce quimera, como se vivessem no seu próprio éden. Visitavam-se, exploravam os limites de um e do outro, tantas e tantas vezes, quanto fosse possível.

Ele, por sua vez, queria mais! Queria viajar mais, cada vez mais, vasculhar. O desejo, que outrora era tão grande, tornou-se incomensurável. Queria sua musa, para sempre. Pois parecia que algo de novo, de inexplicável, estava acontecendo. Queria

viver isto, tantas e tantas vezes fosse, como se não pudesse mais, na velocidade de seus devaneios.

Nas aulas, durante a explicação de seus mestres, olhavam-se, não conseguiam parar de pensar na atração que sentiam um pelo outro. Ela, anjo e demônio, parecia pedir sempre mais, com seus olhos de céu, seu consentimento de musa; ele, escravo, queria satisfazê-la, onde e quando fosse possível, com sua vontade incontrolável de dar-se àquela que suspendia o cetro e a tiara das suas vontades mais secretas.

Uma vez, por exemplo, tomados por uma certa loucura, foram para um lugar qualquer, escondidos, é claro, procurando fugir, enquanto os mestres ensinavam, como sempre, suas teorias. Bastavam-se os dois e apenas isso e poderiam viver de um e de outro e tão-somente assim.

Esconderam-se para ficarem juntos, sei lá onde! Estava bom. Para eles, qualquer coisa era suficiente. No mais, para ele, o brilho dela era bastante para iluminar onde quer que se encontrassem.

Uma vontade os dominava; só queriam pensar em terem-se, os dois, por inteiro, como tais, como deveria ser, pois eram muito jovens e, parecia, tudo acabaria logo, tudo poderia chegar ao seu fim a qualquer momento.

Davam-se com uma leveza, com a beleza daqueles que querem apenas descobrir – ou, será, redescobrir? – os sentidos mais profundos, como se perdidos num labirinto. Mas, às vezes, ficavam, tais como estátuas mesmo, impávidos, olhares de estátua grega, fixos no nada de cada qual, admirando-se, ele, sua musa, ela, seu servo, seu protetor, uma espécie de príncipe dos mais pueris contos de fada, só que um pouco diferente, talvez, porque a inocência da primeira infância acabara de deixá-la fazer pouco.

Agarrou-se a ele, de pronto. Parecia sempre querer sentir seu protetor. Ele, que percebia tal vontade, cobria-a, com seu corpo, tão forte. Nada iria tirá-la dele, nada iria subtraí-la de perto de si. Pois a menina, menina-mulher, com certeza, já era parceira ou, ao menos, cúmplice dos crimes que, juntos, cometiam.

Outra vez, em um de seus inúmeros passeios, foram à praia, sozinhos. O dia estava chuvoso e não havia quase ninguém lá. Andaram procurando um abrigo, um quiosque, uma barraca que fosse, distanciando-se cada vez mais das poucas pessoas que ali estavam. A chuva, naquele momento, pareceu ficar mais intensa, mais forte, molhando-os por inteiro, lavando-os.

Sem que conseguissem encontrar um lugar para esconder-se, para que pudessem

esperar, ele quis voltar, dizendo que já estavam todos molhados e que, andando tanto, só se distanciavam das pessoas. Mas ela insistiu para que ficassem...

Olhavam-se. Era como se a chuva, tão forte, lavassem-nos, não só por fora, mas também por dentro, tirando-lhes os pecados, purificando-os. Ambos, tão levados pelos desejos adolescentes, cada vez mais e, certamente, por causa da água que caía do mais alto dos céus, pareciam sucumbir pelo mais puro dos sentimentos, enquanto sentiam um equilíbrio e uma leveza inexplicável.

Foi ela quem, primeiro, correu para a água do mar, como numa brincadeira. Oras, pois que criança que jamais sonhou em banhar-se de praia com a chuva caindo sobre si? Jogava-se de contra as ondas, banhando seu corpo; chamava-o. Queria mais, queria-o ali – era a completude, com certeza. E ele atendeu, de súbito, correndo até ela. Brincavam sob a chuva, nadavam, jogavam água um no outro... Brincavam e riam como crianças, como se inocentes fossem.

Foi quando ela achegou-se até ele e, como se continuasse a brincar, levou-o para perto da areia, derrubando-o ao chão, no limite onde a espuma quebrava e chiava pela sua morte. Ouviam o seu cantar, o chiar, como num cântico doloroso.

A inocência, ao que parecia, terminou ali, quando se fitavam, mudos. Não conseguiam conter-se, pois talvez a espuma branca tivesse se tornado espuma que latejava pelos poros do oceano e, tal como uma espécie de ópio, inebriava-os, fazendo esquecer dos chistes da infância, há pouco perdida.

Mas lembraram-se, antes de mais nada, que existiam e que, ainda que o fogo fosse tão mais forte, não podiam, sempre que quisessem, ser um só, mas dois, distintos. E, naquela tão estranha aritmética, levantaram-se e, percebendo que a chuva estava cada vez mais forte, puseram-se, de mãos dadas, a correr para um abrigo, pois a água do mar, ao que parece, lavou todo o fogo e os fez, pela primeira vez, enxergar a si próprios, num instante de lucidez.

Seria isto um prelúdio de que o fim se aproximava?

De qualquer forma, um dia, a campainha de sua casa soou. Era ela. Estava esperando. Abriu a porta de sua casa, fazendo-a entrar. Estava intrigado. Os olhos de céu, que antes brilhavam de azul radiante, pareciam estar nublados por uma estranha inquietação, uma preocupação, um eclipse talvez, mais forte que as sombras das nuvens que faziam sombra àquele belo semblante.

Achegou-se à musa, à jovem mulher e tocou-a com o mais profundo sentimento, de

um sentimento que não conhecia – ou que talvez conhecesse, mas que não havia prestado atenção a ele. Súbito, preocupou-se com ela, com o que estava fazendo ali. Nunca havia entrado em sua casa, jamais quisera descer de seu mundo para chegar ao dele. Algo acontecia para que ela estivesse assim, em eclipse, com olhos tão negros como nunca havia visto outrora!

Ela virou-se a ele, tocando-o, terna. Aproximou-lhe o rosto e abraçou-o profundamente. A casa estava vazia. Havia ele e ela, apenas, e era o que bastava. Ele tocou a face dela, leve, numa suavidade que como nunca o fizera antes. Olhou-a, com seus olhos de terra, de pessoa que rastejava até ela. E ela pediu por amor.

Amor? O que era aquilo? Ficou confuso, embaralhado, ainda mais, pelo turbilhão de sentimentos que o envolvia, agora, numa densidade tão estranha. Não, definitivamente, não sabia o que era amor, pelo menos, de uma forma tão consciente. Talvez tivesse sentido um prólogo, algo, até mesmo, subliminar, mas não nesta estranha profusão!

Os olhos dela brilharam timidamente e o sorriso, antes dissimulado de desejo, tornou-se outro, tornou-se terno, de uma ternura que nunca havia visto. Pois tornaram-se de um azul celeste, vivaz,

inebriante. E, de súbito, deixaram de estar obscurecidos.

Disse-lhe, então, que não sabia o que era amor. Ela abaixou a cabeça e desfez-se do abraço que envolvia seu corpo. Saiu de perto dele, caminhando alguns passos para longe. Ele foi, então, para perto dela, segurando um de seus braços, dizendo-lhe que se não sabia o que era amor, poderia aprender. Bastava que ela ensinasse-o...

Conduziu-a, após fitarem-se por um átimo – que, diga-se, parecia mais uma eternidade – ao leito que era dele, inconscientemente até. O que estava acontecendo? E o que era amor, se não um torpe sentimento, algo que não sentia, algo, talvez, divino demais, ou difícil demais, ou mesmo desconhecido demais para que pudesse compreender. Realmente, ela era um ser divino. Pois tinha a capacidade de amar. E, mais uma vez, achou que as mulheres fossem um ser divino, pois amavam. Algo que, para ele, seria impossível de entender.

Oras, ela amava! E deitar-se-ia no leito dele. Um leito nojento, um leito de lama, de terra como seus olhos. Sobre aquele leito já havia levado tantas, todas inferiores a ela. Não queria profaná-la, deitando-a ali. Ela não era uma qualquer. Ela não era uma mulher. Era um anjo. Agora, ela era apenas um anjo.

Mas era exatamente isso o que ela queria: conhecer o lugar onde depositava seus sonhos, todas as noites, quando dormia e pensava nela. Na verdade, sempre quis deitar-se onde descansava seu amante, que, naquele momento, tornava-se seu amado. Queria satisfazer essa vontade, pela última vez. A última vez que se deitaria com ele.

Ela, de súbito, deitou-se no e agarrou os lençóis e o travesseiro, como se não quisesse sair jamais dali. O cheiro do jovem estava impregnado em todos os centímetros daquela cama. Era um cheiro forte, um cheiro de quem se fazia homem – o seu homem, ainda que tão jovem, como ela.

Ele, por sua vez, não compreendeu o porquê de ela estar agindo daquela forma. Daquela maneira, parecia enrolar-se na lama suja que deixava ali todas as noites, ao dormir. Por um breve momento, quis impedi-la, tirá-la dali, pois ela era tão divina que não poderia chafurdar na lama como ele, pois ele era o animal e ela era o anjo.

Mas ela queria isso. Ela queria-o. E, desta vez, de maneira diferente. E era por isso que desceu do seu mundo de céu para adentrar ao mundo dele.

Ele continuava a olhá-la espantado: ela havia aparecido em carne e osso. Seria culpa do amor? Talvez as pessoas, para amar, devem tornar-se de carne e osso. O amor, talvez, seja um sentimento mundano,

um sentimento de seres humanos. E, para senti-lo, ela tornou-se um ser humano. Para dar-lhe a chance de descobrir o que era o amor.

Ela, então, virou-se para ele, deitada, majestosa, alva. O cheiro de mulher, tão suave, era inebriante, contrastando com o cheiro de homem que impregnava todo aquele cômodo. E ele olhava-a, de uma maneira estranha. O que ela queria? Porque ela estava ali, fazendo bater rápido e descompassado o seu coração. Foi ao encontro dela, então, para que, com certeza, tivesse uma estátua, um busto seu, para sempre, esculpido no templo de sua amada...

Como dar amor? Ele não conseguiria saber... Queria dar era prazer, queria, por mais uma vez, galgar o limite entre o céu e o inferno. Queria era satisfazê-la, os corpos, a vontade, os impulsos, tão físicos, tão pouco etéreos, mas matéria, rocha. Tão longe deste tão estranho sentimento – o amor.

Mas ela não se importava. Queria-o, queria-o para sempre. Queria uma experiência inesquecível, algo inimaginável. Algo para lembrar-se para o resto da vida. Tal como no sonho do príncipe encantado. As mulheres vivem dele, por ele, para ele. E falam dele quando fantasiam sobre alguém. As mulheres, aliás, são um misto de sentimento e razão. Pois até o amor delas é

calculado, na proporção dos homens que amam.

Foi neste instante que ela, tocando-lhe a face, pediu para que ele não tivesse receio.

Aquela vez, no entanto, seria diferente. Pois ela queria mais. E deixaram-se guiar por este estranho cometa, este novo astro que pulava junto ao turbilhão de sentimentos que cada jovem leva dentro de si.

Começaram a beijar-se, sentindo permear-lhes um calor diferente. E sentiram uma tão profunda ternura que se beijaram, mais uma vez. Um beijo de minutos a fio. Um beijo profundo, que fez com que se esquecessem de qualquer desejo, qualquer coisa que, de tão física, deixava-os com os pés no chão; mas, ao contrário, pareceu, naquele momento, e até mais para o rapaz, que alcançavam a aura etérea deste tão estranho sentimento, numa insustentável leveza – ou seu indício – pela primeira vez...

Fecharam os olhos e, mesmo após o gozo físico, não se separaram, mantendo-se juntos. Olhavam-se, parecendo que seus olhos tocavam-se. E misturavam-se, como se fossem um ser só, como sempre o seriam, enquanto estivessem assim e por isso, não se separariam. Jamais!

Ela tocou-lhe, de novo, a face masculina, dizendo que o amava e que nunca o esqueceria. Ele, por sua vez, não

compreendeu por que ela havia dito aquela última frase. Foi quando ela o olhou, fortemente, enxergando-o, profundo, com seus olhos de céu, dizendo, mais uma vez, que o amava, com uma voz lânguida, melancólica, triste até.

E beijaram-se, mais uma vez, os corpos unidos e os lábios também.

No dia seguinte, não a viu. E no outro, um caminhão de mudanças, por mais dois dias seguidos. Ela havia ido embora, sem despedir-se dele, sem falar com ele para onde iria. Sem deixar o endereço, sem dizer nada; dar-se-ia para outro, que seria entronizado em seu templo, mas certamente nunca desceria de sua divindade até a terra, como fizera, para amar alguém, como o amou. Aquele momento de amor havia sido, então, uma despedida, ao modo dela.

Por que ela não teve coragem de dizer que iria embora?

Entristeceu, então. Era aquilo o amor? Onde estava a eternidade? Onde estava o complemento? Um momento? Apenas isso? Realmente, o amor é um sentimento muito torpe! Tão torpe que jamais conseguiria compreender, jamais conseguiria sentir e que, mesmo não sabendo o que era, deixava-lhe feridas profundas dentro do peito.

Daquele dia em diante, jurou, para si mesmo, que jamais sentiria aquilo novamente, tão estranho; jamais se

envolveria com tanta intensidade, vivendo apenas do desejo, satisfazendo-se, como sempre satisfizera, da forma mais animalesca, mais instintiva, como um bicho, um ser a rastejar, como ele, pelo corpo de quem estivesse embaixo e sempre embaixo dele.

E nunca mais viajaria pelo limite entre o céu e o inferno.